

**“NASCI MARCADA PELA MORDIDA VENENOSA”: UMA LEITURA
FEMINISTA DECOLONIAL DOS POEMAS “REFLEXÕES VI”, DE
GILKA MACHADO E “EVA”, DE CYELLE CARMEM**

*“NACÍ MARCADA POR LA MORDIDA VENENOSA”: UNA LECTURA
FEMINISTA DECOLONIAL DE LOS POEMAS “REFLEXIONES VI” DE
GILKA MACHADO Y “EVA”, DE CYELLE CARMEM*

Monaliza Barbosa Araújo

<https://orcid.org/0000-0002-0856-7736>

Universidade Federal de Campina Grande

monaliza.barbosa@estudante.ufcg.edu.br

Tássia Tavares de Oliveira

<https://orcid.org/0000-0002-8705-1681>

Universidade Federal de Campina Grande

tassia.tavares@professor.ufcg.edu.br

Resumo: Reconhecemos que a poesia de autoras mulheres foi marginalizada, apesar dos esforços da crítica literária feminista em resgatar essas vozes silenciadas pelo cânone literário dominante. Na contemporaneidade, ainda sentimos as reverberações dessa herança histórica que carregamos. Contudo, muitas poetisas não só desafiaram esse cenário opressor proporcionado pelo projeto colonial vigente, como também ousaram combatê-lo com seus projetos literário-políticos. Nesse sentido, trouxemos dois poemas de escritoras situadas em momentos sócio-históricos distintos, que abordam temáticas semelhantes: “Reflexões VI”, de Gilka Machado, uma poeta negra do início do século XX, e “Eva”, de Cyelle Carmem, uma escritora contemporânea paraibana. Utilizamos a perspectiva do feminismo de política decolonial, que busca olhar para as margens e para as vozes não hegemônicas, tensionando os discursos universais referente às questões de gênero e sexualidade produzidas pela colonialidade. Como metodologia, adotamos uma abordagem qualitativa com enfoque interpretativista. Quanto aos resultados, os textos das escritoras tensionam as representações femininas construídas a partir do mito do pecado original associado à figura de Eva, e evidenciam como essa voz lírica carrega essas reverberações em seu corpo e imaginário. Os poemas desafiam a proposta universalizante da colonialidade, trazendo vivências outras por meio de uma utilização habilidosa da linguagem.

Palavras-chave: Gilka Machado. Cyelle Carmem. Poesia de autoria feminina. Feminismo decolonial.

Resumen: Reconocemos que la poesía de autoras mujeres ha sido marginada, a pesar de los esfuerzos de la crítica literaria feminista por rescatar estas voces silenciadas por el canon literario dominante. En la contemporaneidad, aún sentimos las reverberaciones de este legado histórico que llevamos. Muchas poetisas no solo desafiaron este escenario opresor impuesto por el proyecto colonial, sino que también lo combatieron con sus proyectos literario-políticos. Presentamos dos poemas de escritoras situadas en momentos socio-históricos distintos que abordan temas similares: “Reflexiones VI”, de Gilka Machado, una poeta negra de principios del siglo XX, y “Eva”, de Cyelle Carmem, una escritora contemporánea paraibana. Adoptamos la perspectiva del feminismo de política decolonial, que mira a las voces no hegemónicas, tensionando los discursos universales sobre el género y la sexualidad producidos por la colonialidad. Utilizamos una metodología cualitativa con enfoque interpretativo.

Los textos tensionan las representaciones femeninas construidas a partir del mito del pecado original asociado a Eva y evidencian cómo esta voz lírica lleva esas reverberaciones en su cuerpo e imaginario. Los poemas desafían la propuesta universalizante de la colonialidad, trayendo vivencias distintas a través de un uso hábil del lenguaje.

Palabras clave: Gilka Machado. Cyelle Carmem. Poesía de autoría femenina. Feminismo decolonial.

Considerações iniciais

Os avanços da crítica literária feminista revelam melhorias significativas no que diz respeito aos estudos de gênero e no resgate de escritoras apagadas pelo cânone. Apesar dessas contribuições, esta realidade persiste nos dias atuais, resultando na exclusão de autoras negras e indígenas contemporâneas, especialmente no que diz respeito à publicação e ao reconhecimento de suas obras. A luta dessas autoras por visibilidade reflete uma resistência ao sistema literário elitista que contribui para marginalizar a produção de mulheres. Consequentemente, surgem muitos obstáculos para as escritoras brasileiras contemporâneas, destacando a urgência de ler e analisar suas obras.

As autoras presentes neste trabalho também enfrentam não apenas a marginalização histórica, mas também o apagamento de suas vozes devido à temática de seus trabalhos. Gilka Machado (1893-1980), por exemplo, conhecida como a precursora da poesia erótica brasileira, no início do século XX, enfrentou censura por abordar em sua poética a temática da sexualidade feminina, que desafiava as normas conservadoras de sua época. Além disso, a poeta negra passou por um processo de embranquecimento da sua imagem — fenômeno racista semelhante ao operado com Machado de Assis. Já na contemporaneidade, Cyelle Carmem, poeta paraibana, traça uma trajetória de resistência frente ao projeto político de dar mais visibilidade a mulheres escritoras. Ambas as poetisas destacam-se por suas habilidades temáticas e formais, resistindo à tentativa de silenciamento que permeia o cenário literário.

É importante mencionar que, historicamente, o direito à expressão literária das mulheres foi restringido por diversos motivos, sendo um deles o patriarcado permeado pelo androcentrismo. Diante disso, é urgente refletir sobre como a temática da sexualidade e do erotismo sempre foi um tabu na sociedade ocidental, principalmente devido à herança cristã, que reforçou os ideais de pureza, moralidade e pecado. Dentro desse cenário, em sua grande maioria, o homem branco, cisgênero, heterossexual e de classe abastada ainda conseguia enunciar literariamente sobre a sexualidade. As mulheres, por outro lado, eram relegadas ao papel de musas, objetos desse olhar erótico.

Podemos notar uma forte presença da colonialidade permeada nessa dinâmica, em que as estruturas de poder colonial não só perpetuaram a marginalização das mulheres, mas também reforçaram hierarquias raciais e de gênero. Há uma relação entre cristianismo e sexualidade, principalmente no ocidente. Em relação à sexualidade, o poder patriarcal exerce controle, e a doutrina cristã perpetua esse controle através de suas práticas, especialmente focadas na regulação dos corpos, principalmente dos corpos femininos (Dantas, 2010). Essas ideologias promovem um padrão único de pensamento e comportamento, que contribui para a formação de identidades coloniais.

Com base no exposto, este trabalho tem como objetivo analisar os poemas “Sinto que nasci para o pecado”, de Gilka Machado, e “Eva”, de Cyelle Carmem, sob a perspectiva do feminismo decolonial. Considerando que esses textos questionam os ideais coloniais de sexualidade e as normas cristãs que moldam o ideal feminino a ser seguido, o estudo busca explorar essas tensões.

Para isso, o presente trabalho está estruturado nas seguintes seções: a primeira, intitulada “A escrita de autoria Feminina: explorando caminhos de resistência à colonialidade”, aborda a interseção entre poesia de autoria feminina, corpo e erotismo. Além da abordagem do feminismo decolonial como enfrentamento à colonialidade. A segunda seção, intitulada “As lembranças do Éden: a herança cristã no imaginário do eu poético de Gilka Machado e de Cyelle Carmem”, explora uma análise dos aspectos formais e temáticos dos poemas estudados. Por fim, apresentamos a conclusão, que engloba as considerações finais sobre as discussões levantadas ao longo do artigo.

1. A escrita de autoria feminina: explorando caminhos de resistência à colonialidade

É importante iniciar esta seção refletindo sobre as contribuições teóricas de Hélène Cixous no ensaio intitulado *O Riso da Medusa* (2022). Aqui, a autora aborda, entre outras coisas, a relação das mulheres com a escrita e como essa relação foi submetida a um processo violento de separação. Nesse contexto, Cixous afirma: “É preciso que a mulher se escreva: que a mulher escreva sobre a mulher, e que faça as mulheres virem à escrita, da qual elas foram afastadas tão violentamente quanto o foram de seus corpos” (Cixous, 2022, p. 41). Essa reflexão sublinha a importância de reconectar as mulheres com a escrita e com seus corpos, dimensões que, segundo a teórica, sofreram processos históricos e culturais de distanciamento, privando-as de uma relação plena consigo mesmas e com suas expressões criativas.

Embora a primeira publicação do ensaio de Cixous tenha sido em 1975, a luta defendida pela autora, de que as mulheres escrevam, sejam sujeitas de sua própria escrita e que sejam divulgadas ainda é um embate presente nos dias atuais. Como foi dito, o âmbito literário, ao longo da história, tem sido palco de constantes tensões e exercícios de influência, e isso não mudou na contemporaneidade. A escrita de autoria feminina nos dias atuais também revela uma forte preocupação com as questões feministas. Para Virgínia Leal (2010, p. 183) “ser uma escritora contemporânea é dialogar com a história da inserção das mulheres no campo literário, considerando-se a atuação dos movimentos feministas como força social.” A conquista da geração anterior de mulheres na esfera literária representou um marco significativo no panorama cultural e intelectual. Essas autoras, muitas vezes enfrentando obstáculos e preconceitos arraigados, conseguiram romper barreiras e pavimentar o caminho para uma maior representatividade e reconhecimento no mundo da literatura.

Como exemplo de resistência a esse ambiente, muitas vezes hostil, a escritora Marina Colasanti (2004), em seu texto intitulado “Por que nos perguntam se existimos?”, traz à tona

questionamentos acerca da pergunta feita inúmeras vezes à escritora: "existe uma escrita feminina?". Essas perguntas não só refletem uma dúvida persistente, mas também inviabilizam a existência de uma literatura de autoria feminina. Diante desse cenário, a escritora aderiu a uma postura de recusa a tal pergunta, pois percebeu que não aceitava uma resposta:

Há anos, em todos os níveis, estamos respondendo, com a melhor das intenções. Mas, embora clara e justa, a resposta tem se demonstrado ineficiente. Não consegue eliminar a pergunta. Não consegue sequer modificá-la. Apesar de tudo o que já dissemos, continuam questionando nosso fazer literário exatamente da mesma maneira, com a mesma insistência, com idênticas palavras. Como se nada tivéssemos dito. Então, depois de tanto responder, cheguei a uma convicção: o erro não está na resposta. [...] Eu, que a partir da escrita estou há anos empenhada em construir a arquitetura de uma voz, de uma voz que sendo minha é feminina, declaro-me ofendida pela pergunta. E, em vez de respondê-la, a questiono: Que pergunta é essa, afinal? (Colasanti, 2004, p. 66-67).

A inquietação gerada por essa pergunta não reside apenas na ausência de reconhecimento da literatura produzida por mulheres, mas também na falta de equiparação com a literatura tradicionalmente considerada "universal" escrita por homens. Todas essas questões denunciam as desigualdades de gênero e a permanência desse sistema no campo literário. Marina reconhece que essa questão não diz respeito exclusivamente ao âmbito da literatura, uma vez que a autoria feminina é uma realidade inegável, e os aspectos estéticos de suas obras estão à disposição dos críticos. No entanto, essa pergunta está intrinsecamente ligada a um fenômeno literário enraizado em uma cultura machista e opressora. Esse cenário exige das escritoras uma justificativa para sua prática literária, uma explicação sobre como e por que as mulheres ousaram expandir seus horizontes além do âmbito privado. Muitas vezes, essas indagações se concentram mais em aspectos da vida pessoal das autoras do que em suas realizações literárias.

Quando pensamos na escrita, especialmente na poesia das mulheres negras e de outros grupos minoritários, é urgente refletir, como Gloria Anzaldúa (2000), que a poesia de autoria feminina e negra é um ato de urgência. As escritoras negras e de outros grupos marginalizados não devem se limitar ao "quarto só para si", mas devem escrever na cozinha, no banheiro, na fila do ônibus. Tal pensamento é um desafio direto à colonialidade, porque rompe com a ideia de que a criação literária deve ocorrer em espaços separados e exclusivos. Ao escrever em qualquer lugar e a qualquer momento, essas mulheres reivindicam seu direito à expressão. Elas tensionam a noção de uma certa "universalidade" pautada pela colonialidade. Assim, a poesia e a escrita dessas mulheres se tornam instrumentos poderosos de luta e afirmação de identidade, ao mesmo tempo em que desmantelam estruturas opressivas e abrem caminho para novas formas de pensar e ser no mundo.

Ao considerarmos como a colonialidade continua a violentar corpos e imaginários, percebemos, conforme Cixous (2022) mencionou, que a mulher foi afastada tanto da escrita quanto de seus próprios corpos. Segundo Heloísa Buarque de Hollanda (2021), a poesia contemporânea escrita por mulheres se configura cada vez mais como uma poética voltada para uma nova compreensão da posição política que ocupam. Esse despertar se manifesta na linguagem, nas temáticas e no vocabulário poético. Essa escrita "reinventa o lugar da poesia e enfrenta um momento de alta voltagem conservadora" (Hollanda, 2021, p. 25), criando uma base essencial para uma linguagem dos desejos.

Quando percebemos o texto poético como uma expressão tanto pessoal quanto política, estamos reconhecendo os corpos e os imaginários das mulheres e, por consequência, os modos de vida, conhecimentos, desejos e afetos foram ao longo do tempo suprimidos pela colonialidade. É importante considerar que existem conhecimentos sobre a corporalidade que vão além do que foi apagado, e esse processo de reconhecimento pode ser erótico, pois permite acessar os sentimentos mais profundos. A existência erótica nesse contexto não só promove o autoconhecimento, mas também facilita a criação de conexões para compartilhar uma variedade de realidades.

Ademais, essa escrita, muitas vezes, decoloniza Eros ao não reconhecer o erotismo apenas em seu âmbito amoroso. As contribuições teóricas da poeta negra Audre Lorde sobre o erotismo são importantes, pois trazem para a temática as discussões de gênero, raça e sexualidade. Para a autora, é possível traçar esse percurso através dos usos cotidianos do erótico, entendido com potência transformadora na vida da mulher e na poesia de autoria feminina. Segundo Audre Lorde (2019, p. 70) o erótico é uma "afirmação da força vital das mulheres, daquela energia criativa fortalecida, cujo conhecimento e cuja aplicação agora reivindicamos em nossa linguagem, nossa história, nossa dança, nossos amores, nosso trabalho, nossas vidas". Dessa forma, o erotismo encontra um caminho sólido para estabelecer uma conexão forte que eleva nossas experiências, e, consequentemente, transforma sentimentos em linguagem e em ação.

Como foi exposto, essa literatura frequentemente questiona os valores judaico-cristãos sobre pecado, sexualidade e a representação das mulheres que foram estabelecidos no Brasil desde a colonização em 1500. Os colonizadores europeus impuseram suas próprias visões sobre sexualidade e formas de pensar, muitas vezes restringindo outras perspectivas como se fossem as únicas válidas. Essas práticas continuam a influenciar as dinâmicas sociais e culturais contemporâneas. Segundo Geni Núñez (2022), pensadora indígena, isso se reflete no domínio da terra (monocultura), que se estende também à esfera da sexualidade (monossexismo), da fé (monoteísmo cristão) e das relações afetivas (monogamia), moldando as subjetividades individuais em relação ao (des)envolvimento dos corpos, sexualidade e imaginário.

O feminismo decolonial é uma abordagem que busca integrar diversas perspectivas e discussões, frequentemente promovida por grupos latino-americanos. Eles desafiam as epistemologias impostas pela lógica colonial, especialmente ao tratar da opressão das mulheres. Heloisa Buarque de Hollanda (2020) nos convida a refletir sobre essa perspectiva

ao ressaltar que os estudos feministas decoloniais, conhecidos como feminismos do Sul, estão ganhando cada vez mais relevância na América Latina, uma vez que tratam de questões essenciais ligadas às particularidades dos sistemas de opressão das mulheres em países pós-coloniais.

Defendemos o feminismo de vertente decolonial como uma epistemologia de enfrentamento direto à colonialidade. A filósofa argentina María Lugones (2019) introduz a categoria de gênero nos estudos decoloniais com o intuito de enfrentar as estratégias de opressão. Para Lugones, o conceito de colonialidade de gênero emerge como uma crítica às análises do feminismo ocidental. A autora argumenta que as feministas decoloniais devem prioritariamente reconhecer e resistir à colonialidade, rejeitando a prática de ignorá-la. Portanto, a abordagem do feminismo decolonial não se limita a analisar a opressão de gênero de maneira isolada, mas considera as interseccionalidades e as diferentes formas de opressão se entrelaçam.

Mediante o exposto, no cenário literário, especialmente na poesia das precursoras que superaram muitos obstáculos de sua época e na novíssima poesia brasileira escrita por mulheres, como discutido por Heloísa Buarque de Hollanda (2021), há uma clara tendência de acolher vozes diversas que exploram uma ampla gama de temas, acompanhadas de uma estética plural e essencial. A linguagem adota temas com uma abordagem mais explícita, confrontando diretamente o sistema colonial que historicamente silenciou as expressões criativas femininas. Assim, este ambiente propicia a desobediência através da poesia, permitindo que as autoras expressem suas vivências, conhecimentos e pensamentos não hegemônicos.

2. As lembranças do Éden: a herança cristã no imaginário do eu poético de Gilka Machado e de Cyelle Carmem

Na poesia de autoria feminina, encontramos a mulher como enunciadora de temáticas que até então eram proibidas, como a sexualidade, o erotismo e os desejos. Um exemplo disso é a poeta negra Gilka Machado, que aborda o erotismo e os anseios da mulher diante dessa ótica patriarcal. Existe uma tensão significativa entre a moralidade cristã, que condena esses desejos, e a poética que os utiliza para desafiar essa norma. Esse tema é explorado no poema “Reflexões VI”, presente em *Mulher nua* (1922).

Reflexões (VI)

Eu sinto que nasci para o pecado, se é pecado,
na Terra, amar o Amor;
anseios me atravessam, lado a lado,
numa ternura que não posso expor.

Filha de um louco amor desventurado,
trago nas veias lírico fervor,
e, se meus dias a abstinência hei dado,
amei como ninguém pode supor.

Fiz do silêncio meu constante brado,
e ao que quero costume sempre opôr
o que devo, no rumo que hei traçado.

Será maior meu gozo ou minha dor,
ante a alegria de não ter pecado
e a mágoa da renúncia deste amor?
(Machado, 2017, p. 263-264)

O soneto nos chama a atenção desde seus primeiros versos, nos quais o eu lírico expressa um sentimento de culpa por carregar, desde o nascimento, para as lembranças do Éden e, conseqüentemente, do pecado original. Este não apenas condenou as mulheres, mas também levou à queda de toda a humanidade. O discurso religioso que durante séculos perpetuou a ideia do fruto proibido impôs às mulheres um conflito constante entre culpa e desejo, como podemos observar no poema de Gilka Machado. Os desejos atravessam o corpo e a mente da voz poética, que confessa um amor proibido pelas normas cristãs de pureza. Embora se veja como naturalmente pecadora, a voz feminina transforma essa marca em um símbolo de transgressão, já que, apesar da punição do Éden dominar seus pensamentos, isso não a impede de vivenciar intensamente esse amor.

Além disso, nos versos “Filha de um louco amor desventurado,/ trago nas veias lírico fervor;”, nos chama a atenção a questão da geração feminina, já que a voz poética carrega a desgraça do pecado original que perpassa pelo mito de Eva, e permeia a geração das mulheres de sua vida, como a sua mãe. Assim, há um sentimento de trazer nas próprias veias as delícias e a culpa por esse sentimento de fervor sensual que habita inexplicavelmente seu interior, permeado de eroticidade através das aliteraões da sibilante /s/ e da lateral /l/, contribuindo com um ritmo arrastado ao poema.

O título do poema antecipa as reflexões exploradas no último terceto, em que ocorre um intenso conflito entre entregar-se a esse amor ou aceitar a dor da resignação pela rejeição do ser amado. Isso gera um paradoxo entre angústia e desejo, bem como entre erotismo e pecado. Nesse contexto, a figura feminina emerge como o centro da expressão de seus sentimentos. O poema adquire um caráter de resistência ao discurso colonial, pois, ao revisitar implicitamente o mito presente no Gênesis, recupera a voz que foi historicamente silenciada.

Essa perspectiva é vista no livro de Gilka Machado intitulado *Meu glorioso pecado*, publicado em 1928, que conta com poemas eróticos. Mas o que inicialmente nos chama a atenção é a afirmação da identidade feminina, que, por um lado, representa uma conquista gloriosa e, por outro, reflete a repressão sofrida, vista como pecado. Desse modo, existem marcas do discurso sobre o pecado original presente na bíblia através de outra ótica, pois nos é apresentado um pecado digno de orgulho, no qual caminha “para ruína gloriosa de mim mesma!” (Machado, 2017, p. 280). Essa dualidade é construída por meio de um tom irônico com o intuito de desafiar esse discurso bíblico sobre a natureza pecaminosa das mulheres.

Com o surgimento de escritas eróticas de autoria feminina, especialmente de mulheres não brancas, que questionam a lógica cristã e apresentam uma voz lírica consciente de sua própria sexualidade — como na obra de Gilka Machado —, a sociedade da época se sentia ameaçada por esse tipo de literatura. Ela desafiava os dogmas vigentes, rompendo com as convenções que restringiam a expressão feminina. Essa abordagem ousa tratar de temas tradicionalmente reservados aos homens. Ao fazer isso, introduz novas perspectivas sobre o corpo, a sexualidade, a religião e a espiritualidade no cenário literário.

Na contemporaneidade, a "novíssima"¹ poesia de autoria feminina apresenta tendências com um teor político muito forte. Nesse contexto, o trabalho com a linguagem e o estilo se entrelaçam, criando uma poética que desafia a ordem conservadora. As antologias são um exemplo de resistência contra esse cenário de apagamento e marginalização tanto do gênero poesia, como de minorias. Um exemplo disso é a antologia *horizonte murado na lupa: cem poemas contemporâneos da Paraíba* (2022), que aborda temáticas diversas e oferece visibilidade a vozes que muitas vezes são silenciadas pela hegemonia, ampliando o alcance das expressões literárias emergentes. Um dos poemas presentes no livro é “Eva”, de Cyelle Carmem, que nos apresenta uma voz poética que compartilha seus anseios perante o desencadear da herança do pecado original.

Eva

Castigada pelo pecado de Eva
meu coração segue
rasgado pela costela emprestada.
Nasci marcada pela mordida venenosa
levando nas costas
e no peito a letra escarlate
da culpa,
da traição
e do julgamento alheio.

Lembrança de um paraíso perdido
minha sina é
ser perdição dos desesperados
e a salvação dos escolhidos.

Nasci de um engano das escrituras
manipulação do Hades
idealização de Zeus
falha de planejamento:
o homem será para sempre

¹ Termo que Heloísa Buarque de Hollanda utiliza para designar as tendências da poesia que está sendo produzida atualmente no Brasil.

cobrado pela costela
roubada.
(Carmem, 2022, p. 47)

O poema retoma inicialmente o livro de Gênesis ao afirmar que sente o peso de uma certa herança como "filha de Eva" e do pecado original. Para expressar esse sentimento de angústia em relação a como essas "lembranças de um imaginário perdido" recaem sobre o imaginário da voz poética do texto, há um trabalho com a linguagem em que a palavra "rasgado" faz menção à costela de Adão "emprestada" para Deus criar a primeira mulher. Interessante é o jogo no qual não é o abdômen dessa mulher que está rasgado, mas seu coração, pois o eu lírico permanece constantemente envolvido em culpa por estar sempre em dívida pela costela não pedida que a criou².

Assim como no poema de Gilka Machado, em que a voz lírica afirma "sinto que nasci para o pecado", o mesmo se reflete no texto, porém através de outra imagem: "Nasci marcada pela mordida venenosa". Esta construção chama nossa atenção ao fazer referência à mordida culturalmente retratada como o fruto proibido do Éden, como a maçã, e venenosa por estar associada à imagem da serpente. A letra escarlate marcada no peito e nas costas indica uma dupla carga de vergonha e culpa, afetando tanto a percepção pessoal quanto dos olhares externos. A culpa e a traição são as cicatrizes profundas que o eu lírico carrega como um estigma imposto pela sociedade.

Além disso, essa marcação reflete uma identidade para esse sujeito, que sente fortemente os ideais judaico-cristãos do símbolo de mulher a ser seguido, criando uma representação calcada na pureza, como o exemplo de Maria. Em contraste, os modelos que não devem ser seguidos são os de Eva, Lilith e Dalila, figuras demonizadas e repreendidas. Podemos inferir tais representações nos versos: "minha sina é:/ ser perdição dos desesperados/ e a salvação dos escolhidos." Nesses versos, a figura feminina pode ser interpretada de duas formas distintas: como a tentadora que leva os desesperados à ruína, refletindo a condenação associada a Eva; e como a redentora que traz salvação aos escolhidos, espelhando o milagre de Maria ao dar à luz o filho de Deus, salvador de todos os pecados³. Essa dualidade ilustra a complexa e ambivalente percepção da mulher, que é vista como fonte de perigo e de redenção.

Diante desse cenário em que a colonialidade penetra sorrateiramente o imaginário do eu lírico, o controle é sentido sobre seu corpo, suas escolhas e seus desejos, visto que a marca imposta desde o nascimento reforça a ideia de um destino pré-determinado, no qual a mulher é vista como portadora de um pecado original e, portanto, deve viver sob a vigilância do outro e de si mesma.

² Menção a Gênesis 2: ²¹ Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar;

²² E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão.

³ Menção a Mateus 1: ²⁰ E, projetando ele isto, eis que em sonho lhe apareceu um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber a Maria, tua mulher, porque o que nela está gerado é do Espírito Santo;

²¹ E dará à luz um filho e chamarás o seu nome JESUS; porque ele salvará o seu povo dos seus pecados.

A última estrofe desafia o ideal colonial perpetuado pelo discurso religioso, incluindo a mistura de mitologias, como a cristã e a grega. Esta última dialoga com o mito de Pandora, a primeira mulher criada por Zeus como punição aos homens após Prometeu roubar o fogo sagrado e entregá-lo à humanidade. Pandora, ao abrir a caixa confiada pelos deuses, é responsabilizada por todos os males que acometem a humanidade, de forma semelhante a Eva no cristianismo. Essas figuras, pertencentes a tradições distintas, refletem a construção de narrativas que culpabilizam o feminino. No poema notamos que a voz lírica questiona a narrativa tradicional da criação, desafiando a lógica por trás da origem da mulher e, sobretudo, a perpetuação de seu papel submisso na sociedade.

Considerações finais

Podemos conferir que a escrita de autoria feminina enfrentou muitos percalços e muito foi conquistado ao longo da história. Além disso, a conquista das poetisas antecessoras moldou essa poética que tem grande força política no cenário contemporâneo. Então, essas produções, muitas vezes, encontram uma trajetória possível numa intersecção entre diversas temáticas, como erotismo, poesia e gênero.

Essas manifestações desafiam diretamente a colonialidade ao trazer para o centro outras vivências. A proposta decolonial de viés feminista direciona essas expressões outras, as quais não são moldadas por uma perspectiva eurocêntrica e hegemônica, tensionando a ideia de universalidade. Um exemplo disso são os dois poemas analisados neste trabalho: "Reflexões VI", de Gilka Machado, em que a voz lírica retrata as angústias de ter desde o nascimento a culpa por ter nascido para o pecado, retomando o mito do Jardim do Éden e tensionando esse discurso religioso influenciado pela colonialidade para controlar os corpos, majoritariamente de mulheres. No entanto, mesmo diante desse cenário opressor, o eu lírico subverte essa situação ao não deixar de experienciar as vivências e expressar seus desejos, considerados pecaminosos para essa doutrina religiosa.

Já "Eva", de Cyelle Carmem, apresenta um eu lírico que questiona as representações femininas atribuídas às mulheres, contextualizadas no mito bíblico da criação. Assim como no poema de Gilka Machado, a voz do poema de Cyelle sente o peso de ser punida pelo suposto pecado de Eva, refletindo como essa representação molda sua autoimagem e seu entorno, perpetuando identidades coloniais. No entanto, essa lógica é questionada ao tensionar as imagens, muitas vezes, delegadas às mulheres desde seu nascimento.

Referências

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo. In: ANZALDÚA, Glória. **A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios**. Tradução de Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: A bolha, 2021. p. 43-62.

BÍBLIA SAGRADA: Antigo e novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.

CIXOUS, Helene. **O riso da Medusa**. Tradução de Natália Guerellus e Raíssa França Bastos. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2022. p. 41-82.

COLASANTI, Marina. Porque nos perguntam se existimos. *In*: COLASANTI, Marina. **Fragatas para terras distantes**. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 65-77.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. É importante começar essa história de algum, ainda que seja arbitrário. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **As 29 poetisas hoje**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p. 9-33.

MACHADO, Gilka. **Poesia completa**. São Paulo: V. de Moura Mendonça Livros, 2017.

NUÑEZ, Geni. O sistemas de monoculturas da sexualidade, da fé e dos afetos: reflorestando imaginários. *In*: AMBRA, Pedro (Org.). **As subversões do erótico**. São Paulo: Editora Bregantini, 2022. p. 89-97.

LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. O feminismo como agente de mudanças no campo literário brasileiro. *In*: STEVENS, Cristina (org.). **Mulher e literatura 25 anos: raízes e rumos**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010. p. 183-207.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 369-391.

SIQUEIRA, Lau (Org.). **Horizonte murado na lupa: cem poemas contemporâneos da Paraíba**. Porto Alegre: Casa Verde, 2022.